

## O ceticismo jurídico de Tolstói e as mazelas do Direito brasileiro

Spacca

Já faz alguns anos que me convenci de que algumas narrativas literárias são mais importantes para a compreensão do Direito do que grande parte dos manuais jurídicos. Tolstói é um bom exemplo disso. Trata-se, com efeito, de um dos maiores escritores da literatura universal, cujos principais romances — *Guerra e paz* (1869), *Anna Karenina* (1877), e *Ressureição* (1889) — são de tal envergadura e solidez que se caracterizam, literalmente, por pararem em pé. Sua obra é extensa e, em vários pontos, retrata uma série de questões jurídicas, políticas e sociais que caracterizam o século XIX e, de certa forma, antecipa problemas que atravessam o século XX.

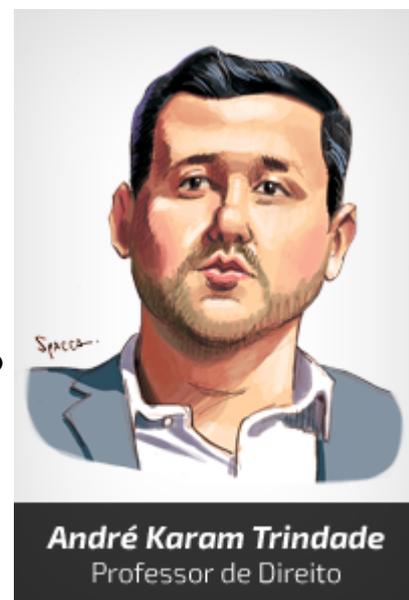
Na verdade, foi no convívio com um grande amigo e importante jurista da época, Anatóli Fiódorovitch Kóni, que Tolstói encontrou a maior parte dos subsídios jurídicos para embasar suas narrativas, somando-os às noções que tinha sobre o Direito. De sua amizade com Kóni, que também se relacionava intensamente com Tchekov e Dostoievski, surgiram ideias para contos, novelas e, até mesmo, romances, como foi o caso de *Ressureição*, cujo enredo estrutura-se a partir de um caso real relatado por Kóni e mistura-se com a própria jornada pessoal de Tolstói.

Em sua clássica obra *Os grandes sistemas do direito contemporâneo*, René David afirma que não existiam verdadeiros juristas na Rússia até a segunda metade do século XIX e menciona, expressamente, o escritor russo: “Tolstói preconiza o desaparecimento do Direito e o advento de uma sociedade fundada na caridade cristã e no amor. O ideal marxista de uma sociedade comunista fraternal encontra raízes profundas no sentimento moral e religioso do povo russo.”

Mas qual a origem dessa descrença de Tolstói para com o Direito? Ou melhor: por que ele seria um “renegado do Direito”, como afirma Calvo González?

Pois a biografia de Tolstói nos permite especular as razões para seu ceticismo. Aos 19 anos, o futuro escritor cursava o segundo ano da Faculdade de Direito na Universidade de Kazan, período atribulado de sua vida, no qual tinha dificuldades em se integrar à vida universitária. No início do curso, ele se interessou pelas disciplinas de Enciclopédia e Metodologia Jurídicas (algo equivalente às atuais teoria e filosofia do direito). Todavia, ao final do ano de 1847, abandona a faculdade. Apesar da tentativa de retomá-la, um ano depois, em São Petersburgo, influenciado pelas leituras de Rousseau, Tolstói renuncia de maneira definitiva à vida jurídica logo em seguida.

Um episódio interessante e pouco conhecido — transcrito em seus *Diários*, mas não registrado em edições comerciais — diz respeito à defesa por ele patrocinada de um soldado bêbado que atacara um oficial. No processo, conhecido como *Caso Sabunin*, no qual a acusação requereu a condenação à pena de morte, Tolstói optou por tentar afastar a pena capital e, assim, atenuar a responsabilidade criminal, não enfrentando o mérito. Sua tese fracassou. É possível que tal experiência, na qual Tolstói vivenciou o



**André Karam Trindade**  
Professor de Direito



---

excessivo rigor que caracterizava a justiça militar da época, tenha contribuído para seu completo desencanto com o Direito.

Como se sabe, com o passar dos anos, Tolstoi passa a sustentar uma espécie de “comunismo místico”, aliado à teoria da não resistência ao mal e da fé no amor. Seu desgosto para com o Direito pode ser definido como um tipo de repulsa à ideia da *força* e do *poder* a serviço do *Direito*. Sua descrença é tamanha que ele defende a existência de uma essencial *imoralidade do Direito*. Essa desconstrução completa do Direito se acentua durante a vida do escritor: cada vez mais, Tolstoi busca apostar na ideia de *Amor como Direito Supremo*.

Ao final de sua vida, 60 anos depois de ter ingressado no curso de Direito, na Universidade de Kazan, Tolstoi demonstra o mais absoluto ceticismo para com o Direito. Num belíssimo texto intitulado *Carta a um estudante. Sobre o Direito*, escrito em 27 de abril de 1909 — ao qual tive acesso por meio de Calvo González, eis que inédito no Brasil —, Tolstoi responde a Isaac Solomonovich Krutik, um antigo discípulo e adepto do tolstoísmo:

Envolvido há muitos anos com outras ocupações, esqueci completamente a ciência do direito. Inclusive tinha uma vaga ideia de que a maioria dos homens de hoje já tivessem se emancipado desta fraude. Por desgracia, vejo em sua carta que esta “ciência” ainda existe e continua produzindo efeitos nefastos. Pela mesma razão, sinto-me honrado de haver tido a oportunidade de manifestar o que penso sobre esta ciência. Creio que sou o único que pensa assim.

Não aconselharia os “professores” dos diferentes “direitos”, que têm passado toda a sua vida estudando e ensinando esta mentira e que graças a este ensino criaram tal situação nas universidades e academias, imaginando ingenuamente que, ao ensinar suas “supervivências éticas”, fazem algo importante e útil. Não aconselharia esses senhores que abandonem sua ocupação. Como também não aconselharia os padres, bispos e arcebispos, que também têm dedicado toda a sua vida a difundir o que creem necessário e útil. Mas a ti, jovem, e a todos os vossos camaradas, não posso deixar de aconselhar que abandoneis o mais rapidamente possível, antes que os corrompam por completo, antes que o sentido moral se entorpeça inteiramente, essa ocupação não apenas estúpida e embrutecedora, mas prejudicial e depravadora.

Como se vê, tais palavras são bastante duras e revelam o alto grau de ceticismo jurídico que Tolstoi atingiu no final de sua vida. Por isto merecem nossa reflexão. Imaginem se ele estivesse vivo e soubesse acerca da lamentável realidade em que se encontra o ensino do Direito no Brasil. Imagem se soubesse o modo como são elaboradas as provas de concurso público para o ingresso nas carreiras jurídicas. Imagem se soubesse que temos uma das Constituições mais avançadas do mundo e ainda não conseguimos efetivar a maior parte dos direitos fundamentais, especialmente os sociais. Isto para não falar da concessão do auxílio-moradia à magistratura e dos auxílios alimentação e educação que estão por vir... Depois disso, resta saber se o ceticismo de Tolstoi era assim tão exagerado e por que, apesar da realidade em que vivemos, ainda insistimos em ser tão otimistas?

**Date Created**

18/10/2014